

*Dedicado com todo o meu amor a Rose,
a responsável por a Ogra cozinhar,*

*e a Charlie,
o primeiro a descobrir o Dragão.*

«A ignorância é a causa do medo.»

— Séneca

«Um ato de bondade, por pequeno que seja, nunca se perde.»

— Esopo

1

Presta atenção

Escuta.
Esta é a história de uma Ogra.

Não é quem podes pensar que é.

(Mas será que alguém o é?)

A Ogra vivia numa casa torta no extremo da cidade. Gostava de cozinhar, jardinar e contar as estrelas. Tal como todos os ogres, a Ogra era bastante alta – de tal forma alta que até mesmo adultos razoavelmente avantajados se viam obrigados a esticar o pescoço e franzir os olhos quando a queriam cumprimentar. Os pés dela eram do tamanho de tartarugas, as mãos do tamanho de asas de garça, e a testa, enorme, enorme, formava frestas e rugas sempre que se concentrava. A pele mais parecia de granito, e os olhos moedas novinhas em folha. O cabelo brotava-lhe da cabeça, ondulando como erva da pradaria – rijo, amarelo e verde, por vezes salpicado de malmequeres, dentes-de-leão ou hera rastejante. Como é característico dos ogres, falava pouco e pensava muito. Era atenta e amável. Os pés pesados pisavam o chão ao de leve.

Esta é igualmente a história de uma família de órfãos. Havia quinze órfãos a viver no Orfanato no início da nossa história, vários anos depois de a Ogra chegar à cidade. Eram demasiadas crianças para uma só casa, mas lá se arranjavam. Os seus nomes eram Anthea, Bartleby, Cassandra (que preferia que a tratassem por Cass), Dierdre, Elijah, Fortunate, Gratitude, Hiram, Iggy, Justina, Kye, Lilly e Maude, além dos bebés, Nanette e Orpheus. Eram bons meninos, estes órfãos: estudiosos, trabalhadores e bondosos. E gostavam muito uns dos outros, muito mais do que de si mesmos.

A Ogra também era trabalhadora, bondosa e generosa. E também amava os outros mais do que a si mesma.

O que, por vezes, pode ser um problema. Por vezes.

Mas pode, também, ser uma solução. Já te mostro como.